

Estudantes questionam papel da UNE

Giuseppa Spenillo e Samanta Sallum

Reprodução

Atuar de acordo com as reivindicações cotidianas, priorizar o movimento estudantil dentro das universidades, garantir a votação direta para diretoria da União Nacional dos Estudantes (UNE), lutar pela qualidade na formação profissional, trabalhar pelas questões gerais sem deixar de respeitar as especificidades dos cursos, permitir a participação dos alunos nas eleições para reitores, decanos e diretores de departamentos, fortalecer o perfil do estudante engajado como aquele que participa das questões gerais do país, porém sempre atento aos problemas específicos da classe.

Estas são as principais direções da mobilização estudantil nas universidades brasileiras. A revista ECLÉTICA conversou com estudantes engajados e não engajados, nas lideranças de Centros Acadêmicos (CAs), Diretórios Acadêmicos (DAs), e Diretórios Centrais (DCEs) nos campus da UFRJ, UERJ e PUC. A descoberta: apesar do pouco (ou nenhum) contato entre si, esses universitários concordam em muitos pontos. Exemplo disso é o posicionamento dos entrevistados em relação à UNE.

Desde de 1992, quando Lindberg Farias, então presidente da entidade, despontou no cenário nacional graças ao calor das manifestações do "fora Collor" e dos "caras-pintadas", a UNE e, principalmente, os universitários vêm sofrendo crises de identidade. Lindberg, que concorreu nas últimas eleições como candidato a deputado federal, já era membro do Partido Comunista do Brasil (PC do B), o que incomodava a muitos estudantes por perceberem uma partidarização do único órgão representativo da classe. Receio que persiste agora, na gestão de Fernando Gusmão, e que infelizmente vem provocando a desunião, ou pelo menos a destruturação do movimento estudantil.

João Caldeiras e André Morgado, alunos do 3º período de Economia da UFRJ, reclamam da UNE projetos concretos, em vez de usar a discussão das



mensalidades e de verbas para escolas públicas como bandeira de campanha. A estudante Érica de Freitas, de 23 anos, também lamenta o caráter político de atuação da entidade. "Não tenho uma opinião formada sobre a UNE porque não a acompanho de perto", explica a estudante que está no 9º período de Psicologia da UFRJ, "e o que se ouve falar vem imbuído de interpretações pessoais."

"Qual estudante, hoje, sabe o projeto político da UNE?". Essa pergunta do estudante Marcelo Reis expressa bem a perplexidade das bases com relação à direção da entidade. A coordenadora do DCE da UERJ, Cristiane Aguiar, diz que "há um abismo entre as representações e

"Que estudante, hoje, conhece o projeto político da UNE?"

os representados; uma crise de representatividade. A UNE hoje possui uma direção majoritária muito burocratizada; ela é basicamente carteirinha."

Com a crescente distância da entidade, os alunos das universidades voltam-se para o espaço institucional, assumindo muitas vezes posições divergentes às da cúpula da UNE, e

procurando formas próprias e espontâneas de integração e união. O CA de Biologia da UFRJ, por exemplo, promove campeonatos esportivos semestrais entre estudantes de Biologia de várias universidades do país. "O esporte ajuda a integrar os estudantes. Nas viagens que fazemos para participar dos campeonatos, conhecemos universitários de todo o Brasil. É importante fazer esse intercâmbio para não ficarmos restritos ao ambiente de nossa universidade", disse César Barros, diretor esportivo do CA de Biologia da UFRJ.

Maryse D'Alessandro Cunha, estudante do 8o. período de Comunicação Social da PUC, também acha importante essa interação entre os estudantes, principalmente reunindo as redes pública e privada. "Não deve existir separação. Devemos lutar juntos por um ensino de melhor qualidade e mais acessível à população".

Outra dificuldade sentida no movimento estudantil está na pressa que os estudantes têm hoje de entrar no mercado de trabalho. "Depois de começar a trabalhar ou estagiar, o estudante dá menos importância para a universidade", reclama André Morgado. Esta, no entanto, é uma realidade com a qual o movimento parece ter que aprender a conviver, se depender da situação do país.